

LEITURA DO MUNDO EM PAULO FREIRE¹

Ângela Antunes²

*Linha severa da longínqua costa
quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
em árvores onde o Longe nada tinha;
mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
onde era só, de longe a abstrata linha.*

Fernando Pessoa (1995:78)

¹ Trecho extraído do Capítulo 2 da tese de doutorado de Ângela Antunes, intitulada “Leitura de mundo no contexto da planetarização por uma pedagogia da sustentabilidade” – FEUSP, 2002.

² Diretora de Gestão do Conhecimento do Instituto Paulo Freire - São Paulo.

2.2. Método Paulo Freire e Leitura do Mundo

É difícil separar em Paulo Freire a sua teoria pedagógica do seu método. Até hoje, ele é conhecido pelo seu método, sobre o qual muito se escreveu³. Não é o caso de retomar aqui toda a discussão sobre o assunto. Contudo, trata-se de situar a discussão do tema Leitura do Mundo, no contexto do seu método.

O **conceito de Leitura do Mundo** no “Método Paulo Freire” aparece logo em seu primeiro livro, ou melhor, em sua tese de concurso a que já nos referimos anteriormente. Ao discutir o problema educacional brasileiro, Paulo Freire destaca a necessidade de nos pormos em relação de organicidade com a nossa **contextura histórico-cultural**. Não menciona, na época, a expressão Leitura do Mundo, mas fala da necessidade de nos colocarmos imersos na realidade (fazermos-nos íntimos de nossos problemas) e dela emergirmos criticamente conscientes. Paulo Freire já afirmava que, para o processo educativo ser autêntico, é fundamental a relação de organicidade com a contextura da sociedade a que se aplica (FREIRE, 2001). O processo educativo implica a sua integração com as condições do tempo e do espaço a que se aplica para que possa alterar essas mesmas condições. Se não há integração, o processo se faz inorgânico, superposto e inoperante.

Por isso mesmo é que falamos tanto, em termos teóricos, na necessidade de uma **vinculação da nossa escola com sua realidade local, regional e nacional** (grifo nosso), de que haveria de resultar a sua organicidade e continuamos, na prática, a nos distanciar dessas realidades todas e a nos perder em tudo o que signifique anti-diálogo, anti-participação, anti-reponsabilidade. Anti-diálogo do

³ Sônia Couto Feitosa, em sua tese de Mestrado (FEUSP, 1998), enumera uma série de trabalhos sobre o “Método Paulo Freire”, a começar pelo de Carlos Rodrigues Brandão, escrito em 1966 na cidade do México, para uma palestra no “Dia da Alfabetização” (reeditado em 1977 nos *Cuadernos del CREFAL* (nº. 3), ao que se seguiu, na mesma cidade, o texto de Jorge Gabriel Rodríguez, escrito em 1969 com o título *Notas para la aplicación del método psico-social de educación de adultos de Paulo Freire*, seguido pelo de Lauro de Oliveira Lima, publicado como apêndice ao seu livro *Tecnologia, educação e democracia* (Rio, Civilização Brasileira, 1979), como o sugestivo título: “Método Paulo Freire: processo de aceleração de alfabetização de adultos”. O próprio Carlos Rodrigues Brandão, em 1981, retoma seus trabalhos sobre o método e publica, pela coleção “Primeiros Passos” da Brasiliense, *O que é o Método Paulo Freire*. E os trabalhos não param por aí, pelo número de teses e dissertações posteriormente escritas sobre o tema.

nosso educando com sua realidade, anti-participação do nosso educando no processo de sua educação. Anti-responsabilidade a que se relega o educando na realização de sua própria vida. De seu próprio destino (FREIRE, 2001:13).

A Leitura do Mundo é o primeiro passo do “**Método Paulo Freire**”. A palavra “método” nos remete, freqüentemente, à idéia de algo estático, um rol de procedimentos mecânicos prontos para serem utilizados ou “aplicados”. O sucesso dos resultados apresenta-se sempre relacionado ao fiel cumprimento dos passos do método. Não é dessa forma que entendemos a palavra “método” em Paulo Freire; nele, o método é inseparável de uma certa concepção do conhecimento e de uma filosofia da educação.

O que hoje conhecemos como “Método Paulo Freire”, aplicado principalmente à Alfabetização de Adultos, surgiu com o trabalho realizado por Freire em Angicos (RN) em 1963, na alfabetização de 300 trabalhadores rurais em 45 dias. Esses trabalhadores, reunidos em sessões comunitárias denominadas “Círculos de Cultura”, sob o acompanhamento de um animador de debates, aprendiam a ler “as letras” e o “mundo” e a “escrever a palavra” e também a “sua própria história”.

Segundo Freire, o ato educativo deve ser sempre um ato de recriação; portanto, a palavra “método” na obra freireana deve ser contextualizada com base nos princípios que lhe dão corpo, consistência, significado. Hoje, assim como na sua gênese, o “Método Paulo Freire” tem como fio condutor a própria emancipação do aluno, que não se dá somente no campo cognitivo, mas acontece essencialmente nos campos social e político.

Sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse

‘enchendo’ com suas palavras as cabeças supostamente ‘vazias’ dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem (FREIRE, 1992:19).

Costuma-se dividir o “Método Paulo Freire” em três momentos, não separáveis: o da leitura da realidade (Leitura do Mundo) ou “investigação temática”, o da seleção das palavras e dos Temas Geradores (o momento da tematização) e o momento da problematização. Podemos, portanto, seqüenciar a aplicação do método em três **etapas** distintas, porém não estanques, pois estão interdisciplinarmente e dialeticamente entrelaçadas:

1ª - *Etapa de investigação*. Esta é a etapa da descoberta do universo vocabular, em que são levantadas palavras e Temas Geradores relacionados à vida cotidiana dos alfabetizandos e do grupo social a que eles pertencem.

2ª - *Etapa de tematização*. Nesta segunda etapa, são codificados e decodificados os temas levantados na fase de tomada de consciência, contextualizando-os e substituindo a primeira visão mágica por uma visão crítica e social.

3ª - *Etapa de problematização*. Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizado. Descobrem-se os limites e as possibilidades das situações existenciais concretas captadas na primeira etapa.

Por várias razões, muitos não querem utilizar a expressão “Método Paulo Freire”, principalmente porque ele pode dar a idéia de que a grande obra de Paulo Freire se reduz a alguma técnica de ensino. Na verdade, mais do que um “método”, sua obra é uma teoria do conhecimento, uma epistemologia. Reconhecemos,

contudo, que a expressão se consagrou e que, não há dúvida, de que encontramos em Freire uma preocupação, sempre presente, com o método, em sentido amplo.

Na primeira etapa do Método, como vimos, cabe ao educador conhecer o universo vocabular dos educandos, o seu saber, traduzido através de sua oralidade, partindo de sua bagagem cultural repleta de conhecimentos vividos que se manifestam através de suas histórias e através do diálogo constante com o educando, reinterpretá-los, questionando suas causas e conseqüências, trabalhando com ele para a construção coletiva do conhecimento.

É impossível levar avante meu trabalho de alfabetização, ou compreender a alfabetização, separando completamente a leitura da palavra da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como ‘escrever’ o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo (*Idem*, 31).

Foi também no livro *A importância do ato de ler* que Paulo Freire trabalhou a relação entre Leitura do Mundo e leitura da palavra. Falando da importância do ato de ler no Congresso Brasileiro de Leitura (Campinas, novembro de 1981), ele afirma que o ato de ler

não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989:11).

Ele diz, logo a seguir, que, na sua própria alfabetização, no chão do quintal da sua casa, à sombra das mangueiras, a leitura da palavra estava colada ao seu mundo de tal forma que a leitura da palavra acabava sendo uma leitura da “palavramundo”.

Não se trata, então, apenas de pronunciar a palavra. Trata-se de pronunciar o mundo. Nesse contexto, “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1989:20). Nesse processo de leitura e de releitura do mundo, de leitura e de releitura da palavra, uma leitura mais crítica do mundo e da palavra forma o sujeito, que constrói uma visão de mundo e que pode, a partir desta visão, não apenas vê-lo, entendê-lo melhor, mas pode, assim fazendo, entender melhor como ele pode mudar pela nossa ação.

É nesse momento que se cria a necessidade de compreender a realidade do educando, problematizando-a. Nessa problematização, o educador desafia os alunos com questões para que opiniões e relatos surjam. O educando dialoga com seus pares e com o educador sobre o seu meio e sua realidade. Essas discussões permitirão ao educador apreender a visão dos alunos sobre a situação problematizada para fazê-los perceber a necessidade de adquirir outros conhecimentos a fim de melhor entendê-la.

Uma “re-admiração” da realidade inicialmente discutida em seus aspectos superficiais será realizada, porém, com uma visão mais crítica e mais generalizada. Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando e só tem sentido se resultar de uma aproximação crítica dessa realidade.

É importante ressaltar, porém, que o **estudo da realidade** não se limita à simples coleta de dados, mas deve, acima de tudo, perceber como o educando sente sua própria realidade, superando a simples constatação dos fatos, isso numa atitude de constante investigação dessa realidade. Esse mergulho na vida do educando fará o educador emergir com um conhecimento maior de seu grupo-classe, tendo condições de interagir no processo, ajudando-o a definir seu ponto de partida que irá traduzir-se no tema gerador geral.

Não é possível, para Paulo Freire, que a Leitura de Mundo seja esforço intelectual que uns façam e transmitam para outros. Ela é uma construção coletiva,

feita com a multiplicidade das visões daqueles que o vivem. O desvelamento da realidade implica na participação daqueles que dela fazem parte, de suas interpretações em relação ao que vivem.

qualquer esforço de educação popular (...) deve ter um objetivo fundamental: através da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade na qual e com a qual estão (FREIRE, 1982:33).

(...) A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (Idem, 69).

Através do Tema Gerador geral é possível avançar para além do limite de conhecimento que os educandos têm de sua própria realidade, podendo assim melhor compreendê-la a fim de poder nela intervir criticamente. Do Tema Gerador geral deverão sair as palavras geradoras. Cada palavra geradora deverá ter a sua ilustração que, por sua vez, deverá suscitar novos debates. Essa ilustração (desenho ou fotografia), sempre ligada ao tema, tem como objetivo a “codificação”, ou seja, a representação de um aspecto da realidade.

Moacir Gadotti em sua conferência de encerramento do Congresso Internacional “Um olhar sobre Paulo Freire” (Universidade de Évora, Portugal, 20 a 23 de setembro de 2000), falou em 4 passos do “Método Paulo Freire”:

1º - **Leitura do Mundo**⁴. O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a *Leitura do Mundo*. Aqui se deve destacar a **curiosidade** como condição do conhecimento. “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 1997:35). É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, Temas Geradores, codificação, decodificação. No seu último livro, *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire insistia ainda na autonomia do aluno. Dos seus primeiros aos últimos escritos procurou dar dignidade ao aprendiz, respeitando a identidade do aluno. Ele não humilhava ninguém, não considerava o educador superior ao educando.

2º - **Compartilhar a Leitura do Mundo** lido. A minha *Leitura do Mundo* capta parte da realidade. Não posso me limitar a ela. O **diálogo** não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade, de aproximação crítica e mais abrangente de compreensão da realidade. Possibilita a relação social intensa e ativa entre educandos e educador, que possuem visões de mundo não suficientes e diferentes. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. Desse processo de intercomunicação, suas visões de

⁴ Paulo Freire, na maioria das vezes, utiliza a expressão *Leitura do Mundo*, associando-a à leitura da palavra. Raramente se refere a uma “leitura de mundo” (*Pedagogia da Esperança*, p. 112). Em muitos escritos sobre ele usam-se essas expressões indistintamente. Nesta tese, entendemos por *Leitura do Mundo* tanto a visão de mundo de alguém como a forma pela qual tomamos consciência do mundo, tanto o seu conteúdo, o seu produto, quanto o seu método, dependendo do contexto. “Leitura” pode significar tanto o processo de compreensão da realidade, quanto o resultado, o produto deste processo. A palavra “mundo” é muito forte na obra de Paulo Freire. Ao longo de todos os seus escritos ele nos fala de “*dialogação com o mundo*”, “*palavramundo*”, “*inteligência do mundo*”, *Leitura do Mundo*, “*presença no mundo*”, “*passagem pelo mundo*”, “*consciência do mundo*”, “*transformação do mundo*”, “*esperança no mundo*”, “*cidadão do mundo*”, “*mundo dos fatos*”, “*mundo da vida*”, “*mundo das lutas*”, “*mundo da discriminação*”, “*mundo da experiência*”, “*visão de mundo*”, “*crítica do mundo*”, “*pronunciar o mundo*”, “*reescrita do mundo*”, “*meu papel no mundo*”, “*intervenção no mundo*”, “*o mundo está sendo*”, “*o homem no seu mundo e com o seu mundo*”, “*problematização homem- mundo*” etc. Em nota de rodapé, na página 30, do livro *Professora Sim, Tia Não: cartas a quem ousa ensinar*, o próprio Paulo Freire faz uma indicação sobre que obras suas o leitor deve consultar para conhecer mais sobre *Leitura do Mundo*. Ele afirma: “Sobre codificação, leitura do mundo-leitura da palavra-senso comum-conhecimento exato, aprender, ensinar, ver: Freire, Paulo: *Educação como prática da liberdade, Educação e Mudança, Ação cultural para a liberdade, Pedagogia da autonomia, Pedagogia da Esperança* – Paz e Terra; Freire e Sérgio Guimarães: *Sobre educação* – Paz e Terra; Freire e Ira Shor: *Medo e ousadia, o cotidiano do educador* – Paz e Terra; Freire e Donaldo Macedo *Alfabetização, Leitura do mundo e leitura da palavra* – Paz e Terra; Freire, Paulo: *A importância do ato de ler* – Cortez; Freire e Márcio Campos: *Leitura do mundo-leitura da palavra* – Courrier de L’ UNESCO, Fevereiro, 1991”.

mundo se intercomplementam e possibilitam uma síntese mais abrangente. Superam a visão caótica e chegam a um conhecimento mais pleno em torno dos fatos e da realidade como um todo. O *diálogo* com o outro não exclui o *conflito*. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro. O confronto de olhares é necessário para se chegar à verdade comum. Caso contrário, a verdade a que se chega é ingênua, não crítica e criticizada. O outro sempre está presente na busca da verdade. Esse segundo passo leva à solidariedade. O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém.

3º - A **educação como ato de produção e de reconstrução do saber**. Conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados, repete ele. Conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (FREIRE, 1997:110).

4º - A **educação como prática da liberdade** (libertação). Paulo Freire afirma a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia).

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu

sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, 1997:86).

Assumindo uma postura pedagógica que contesta o presente desumanizador e, profeticamente, anuncia, pela sua práxis, pela ação para a transformação social, o início de um futuro humanizante, a teoria e o Método de Paulo Freire assumem uma perspectiva utópica.

Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. Como projeto, a educação busca *reinstalar a esperança*. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que de esperança.